

DO EVANGELHO AO CANDOMBLÉ: A INSERÇÃO DE UM PESQUISADOR EVANGÉLICO NAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

FROM THE GOSPEL TO CANDOMBLÉ: THE INSERTION OF AN EVANGELICAL RESEARCHER IN OF RELIGIONS OF AFRICAN MATRIX

DEL EVANGELIO AL CANDOMBLÉ: LA INSERCIÓN DE UN INVESTIGADOR EVANGÉLICO EN LAS RELIGIONES DE MATRIZ AFRICANA

Ozaias da Silva Rodrigues¹

Palavras-chave: Candomblé. Religiões de matriz africana. Interlocutores.

Keywords: Candomblé. Religions of african matrix. Interlocutors.

Palabras clave: Candomblé. Religiones de matriz africana. Interlocutores.

1. INTRODUÇÃO

Os fatos que motivaram esse relato de pesquisa estão relacionados a um processo autorreflexivo associado a antigas percepções que eu cultivava sobre as religiões de matriz africana. Através de vários questionamentos, fui instigado a conhecer mais a religiosidade afro-brasileira e a realidade dos terreiros no contexto fortalezense. Como evangélico, o tema de religião em geral me fascina e durante a graduação o meu interesse pela diversidade religiosa se fortaleceu. A questão da intolerância em relação às religiões de matriz africana me intrigou e me fez comparar o privilégio que tenho como evangélico em uma sociedade hegemonicamente cristã. Vou aos cultos com sensação de tranquilidade, mas me questiono quantos não têm essa mesma sensação apenas por serem de religiões discriminadas.

Percebo dentro das igrejas uma visão demonizante dessa religiosidade, porém, ao longo de minha formação, vários questionamentos pessoais geraram em mim um processo de estranhamento com o que me era “natural”, pois passei a perceber que o âmbito religioso no qual estou imerso tem uma versão própria sobre outras religiosidades. Encontrei dificuldades específicas no processo de inserção no território dos interlocutores,

¹ Mestrando em Antropologia pelo PPGA da Universidade Federal do Ceará/UNILAB; Licenciado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC)

pois o primeiro contato estabelecido com candomblecistas foi precedido de uma infinidade de receios. Eu queria me livrar de todos aqueles preconceitos que introjetaram em mim, mas era difícil. Porém, a curiosidade e a sede constante pelo desconhecido foram mais fortes.

Este relato abarca experiências que ocorreram em um período de oito meses — de novembro de 2017 a julho de 2018 — e trata da minha inserção na pesquisa que está sendo desenvolvida por mim no PPGA - UFC/UNILAB. Essa pesquisa, que ainda não foi concluída, trata da intolerância e do racismo religioso contra candomblecistas em Fortaleza. Como os caminhos da pesquisa começaram há pouco, os únicos dados colhidos em campo são aqueles que estão registrados nos diários de campo.

2. O PRIMEIRO CONTATO

A minha preparação para entrar em campo foi mais psicológica do que teórica. Antes de ter o primeiro contato com candomblecistas, não havia lido nada sobre eles — apenas participado de uma roda de conversa na qual conheci um *ogan* que me convidou para um grupo de estudos. No primeiro encontro que tive com o grupo, encabeçado pelo *ogan* Leno e sua esposa *ebomi* Evelane — ambos de nação Ketu — tive a sensação nítida de estar fora da minha zona de conforto, pois foram muitas informações ao mesmo tempo. Ao final do encontro, lembro bem de estar com a cabeça latejando e fatigado. Esse deslocamento — de um ambiente familiar para outro totalmente estranho — tirou-me a energia física e mental. Tudo que fiz ou falei naquele dia foi com receios por estar num lugar estranho para mim, mas que eu estava lutando para tornar familiar (MATTA, 1978).

Nesse meu processo de deslocamento, deliberei pesquisar sobre aquela alteridade religiosa que me era mais custosa para entender: as religiões de matriz africana. Nunca tinha lido ou experimentado algo sobre elas. Por isso, tudo é muito novo, mas devido ao meu empenho em compreender esse universo, já estou me familiarizando de uma forma até rápida para quem nunca tinha pisado num terreiro sequer.

Ao lembrar esse primeiro contato, lembro-me do *ogan* Leno me dizendo algo do tipo: “*Macho, tu pergunta demais. A gente não transmite nossos conhecimentos pros nossos dessa forma de perguntas e respostas. É diferente*” (informação verbal). Penso que a forma paciente e amorosa como fui acolhido nesse primeiro grupo de interlocutores teve um peso bem considerável nesse meu aprendizado rápido.

3. O PRIMEIRO TERREIRO

Quando eu pisei pela primeira vez num terreiro de Candomblé, percebi que o que estava ali, diante de mim, era outro mundo, outra concepção de espiritualidade, bem diferente da minha. Cedo aprendi que no Candomblé não se deve fazer muitas perguntas, mas observar, ouvir e obedecer. Você não questiona o Candomblé, apenas o obedece. É uma religião de segredos e preceitos que só são transmitidos aos iniciados.

No primeiro xirê que etnografei, percebi que quando uma das filhas de santo gritava, a plateia reagia dizendo “eparrei”. Assim que ouvi isso, lembrei-me da música *Guerreira*, de Clara Nunes. Essa saudação em específico é dirigida à Iansã. A partir disso, sempre que a plateia reagia ao grito da filha de santo, eu pude me juntar ao grupo e dizer “eparrei”.

A questão do domínio do vocabulário é de suma importância, nesse caso, porque a ausência dessa familiaridade ou domínio dele impediu que eu me conectasse com o que estava acontecendo. A partir do momento em que o que foi dito teve algum sentido para mim, eu passei a fazer parte daquele universo, momentaneamente, pois, como escreveu Fanon (2008), falar uma língua, ou entendê-la, é assumir um mundo, uma cultura. Logo, a partir do momento que entendo o que está sendo dito, eu me aproximo do mundo que está sendo representado por aquela língua; em oposição a isso, quando não entendo a língua, também não entendo o mundo que ela representa e, por conseguinte, distancio-me dele. Foi basicamente isso que senti durante o xirê: uma distância entre mim e aquele mundo.

4. ESTRATÉGIAS EM CAMPO

O fato de eu me apresentar como simpatizante durante esse período de oito meses facilitou a minha inserção nos grupos. Eu ainda não era pesquisador, mas um candidato a tal. Sabe-se que o pesquisador, quando se apresenta como tal para um grupo de interlocutores, acaba interferindo de alguma forma na dinâmica desse grupo. Apresentar-se como simpatizante e, posteriormente, como pesquisador foi o meu caminho de inserção no primeiro grupo de interlocutores. Apesar das dificuldades em entender aquela cosmovisão singular, com o tempo me acostumei ao ritmo do Candomblé.

Algumas vezes, alguns interlocutores me perguntaram se eu era iniciado e eu disse apenas que “não”. Em um determinado evento isso aconteceu e, quando eu revelei a minha

intenção como futuro pesquisador e a minha crença particular, o adepto que me interrogou manifestou facialmente um misto de suspeita e desconfiança — pelo menos foi como interpretei a reação facial dele. Penso que as formas de tratamento variam de acordo com a visão que determinados adeptos têm do pesquisador. Alguns aceitam com simpatia ou indiferença a presença dele, já outros podem se sentir desconfortáveis com a presença de um estranho no grupo.

Quando se é um membro iniciado no grupo observado (*insider*) isso lhe dá ferramentas específicas e valiosas que o pesquisador não iniciado (*outsider*) e nem familiarizado com o grupo não possui e que, por isso, deve se esforçar para conseguir a sua inserção no grupo. Para esse tipo de pesquisador, conseguir o apoio de interlocutores que legitimem a sua presença no grupo é muito importante e se esses interlocutores que o legitimam forem pessoas de prestígio no meio observado, é melhor ainda, como foi o meu caso com o *ogan* Leno e a *ebomi* Evelane.

5. CONCLUSÃO

Nesse processo de imersão, as dificuldades são imprevisíveis, cabendo ao pesquisador contar com suas percepções e intuições para se orientar em campo, sobretudo num contexto religioso que é radicalmente distinto daquele ao qual pertence. O desgaste mental em tentar compreender essa alteridade religiosa é considerável, mas o contato frequente torna esse desgaste mais sutil ao longo da convivência.

O meu processo de autorreflexão foi pautado num “olhar relativizador como postura indispensável ao exercício da observação antropológica” (OLIVEIRA, 2001), pois, ao longo de minha formação, eu desconstruí a identidade do fiel que absorvia tudo do púlpito sem questionar. Isso representa o meu deslocamento entre a igreja e a ciência que permitiu que eu me interessasse antropológicamente por esse objeto — as religiões de matriz africana — para tentar entender os processos sociais de construção da diferença que ligam distintas instituições religiosas numa dada relação de poder, onde há uma religião hegemônica, o cristianismo, que detém todas as institucionalidades sociais, as religiões marginalizadas, de matriz africana, cujos processos de tensões por elas experimentados são constantes e fortes.

REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

MATTA, Roberto da. *O ofício do etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”*. Boletim do Museu Nacional - Nova Série. Rio de Janeiro: UFRJ - Antropologia, n° 27, maio de 1978.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. 2 ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.